JULIANA WEINBERG

AUDREY HEPBURN

O BRILHO DE UMA ESTRELA

Tradução
ANA PINTO MENDES

Planeta

audrey hepburn_4as.indd 5 10/12/2024 09:46

Nasci com uma enorme necessidade de afeto e uma tremenda necessidade de o oferecer.

Audrey Hepburn

audrey hepburn_4as.indd 8 10/12/2024 09:46

Prólogo

Bruxelas, maio de 1935

Audrey estava acocorada dentro do guarda-fatos do seu quarto de criança, agarrando com força o macaco de peluche, já completamente coçado depois de tantas noites passadas na sua cama. O macaco fora um presente do pai, Joseph, o único de que se conseguia lembrar em todos os seus anos de vida. O pai pusera-lho na mão, um dia, quando regressara de uma das suas viagens de negócios.

– Fez-me lembrar de ti, meu macaquinho. Tem olhos castanhos tão grandes como os teus – dissera ele, despenteando-lhe o curto cabelo castanho, voltando em seguida para os seus assuntos. Aquele gesto fora uma surpresa para Audrey. Na maior parte do tempo, o pai dedicava-lhes, a ela e aos irmãos mais velhos, Alex e Ian, apenas uma fria reserva.

– Não quero ter de voltar a pedir dinheiro ao meu pai! – ouviu então Ella, a mãe, a ciciar na sala de estar mesmo ao lado. – Como é que lhe vou explicar que estamos outra vez sem dinheiro apesar de ganhares o suficiente no banco, Joseph?

Audrey encolheu-se ao ouvir o pai a responder com um mordaz tom de troça:

– Será menos do que digno a senhora baronesa Ella van Heemstra pedir um pequeno adiantamento ao seu pai, querida? Ele não te vai dizer que não, és a menina dos olhos dele.

– És um irresponsável! – repreendeu Ella o marido. A voz tremia-lhe com uma fúria contida apenas com muito esforço. Audrey levou

audrey hepburn_4as.indd 9 10/12/2024 09:46

os joelhos fletidos até às orelhas. Era terrível ouvir a mãe, que era uma pessoa sempre contida e controlada, uma verdadeira senhora, a perder assim as estribeiras.

A resposta do pai consistiu apenas num resmungo que Audrey não conseguiu compreender, estando dentro do armário. Durante algum tempo, ouviu apenas os passos da mãe sobre o soalho rangente da sala de estar.

– Como te atreves a esbanjar todo o nosso – o meu – património? – A voz de Ella ouviu-se novamente mais alto, e Audrey assustou-se. Desejou que os irmãos estivessem em casa, sentia-se só e perdida. Era frequente os pais discutirem, mas nunca de forma tão azeda como naquele dia.

– Além do mais… além do mais, não gosto mesmo nada do facto de simpatizares com aquele movimento nacional-socialista.

Agora também as palavras do pai voltaram a ser tão claras que chegavam até ao interior do guarda-fatos de Audrey. Muito tensa, ela respirava para cima do pelo do macaco.

– Para com isso, Ella – disse Joseph, com uma voz perigosamente calma. – Tu também achaste que este novo movimento fazia sentido. Qualquer pessoa com a mínima capacidade de entendimento acha isso.

– Sim, no início, alguns aspetos desta ideologia pareciam-me muito bem pensados – admitiu Ella. – Mas agora quero cada vez mais distância de tudo isso. Para mim, o ideário dos nazis é demasiado desumano.

Perdida em pensamentos, Audrey brincava com as bainhas dos vestidos pendurados em cabides e que lhe roçavam a cabeça. Não compreendia sobre que falavam os pais naquele momento, usavam demasiadas palavras que não conhecia.

– E o teu ódio aos judeus… – balbuciou Ella – … aos católicos, aos negros… Faz-me medo, Joseph.

Da resposta de Joseph chegaram ao guarda-fatos apenas incompreensíveis fragmentos de frases. Os pais continuaram a conversar ainda algum tempo, mais calmos e em voz mais baixa do que antes. Audrey estava já a alimentar a esperança de que, uma vez mais, tivessem enterrado a discussão, quando, de repente, se ouviram cadeiras a arrastar

audrey hepburn_4as.indd 10 10/12/2024 09:46

e um ruído alto. Assustada, susteve a respiração, agarrando no macaco com tanta força que quase o espalmou completamente. A porta da sala de estar abriu-se, nas escadas ouviram-se passos enérgicos a caminhar para a porta da rua.

Audrey deixou cair o macaco, abriu a porta do guarda-fatos e correu para a janela, tomada por um mau pressentimento. No momento em que, lá em baixo, a porta da rua se fechou, foi buscar um banco, trepou lá para cima e abriu a janela. Ficou gelada de frio quando, à frente de casa, viu o pai a descer as escadas levando uma mala.

– Pai! – chamou, com a voz embargada. Depois, dado que ele já não parecia ouvir, gritou de novo, com mais força: – Pai!

Joseph parou, de mala na mão, e voltou-se. Pousou os olhos nela, frios e inexpressivos. Então, virou-se e foi-se embora sem uma palavra.

Os olhos de Audrey encheram-se de lágrimas de horror.

– Pai! – choramingou de novo, mas ele já não voltou a olhar para trás.

Durante ainda muito tempo depois de ele desaparecer do seu campo de visão, ela permaneceu em cima do banco, a chorar, o coração pesado de desgosto e com uma vaga sensação de que a sua vida nunca mais seria a mesma.

Muito baixinho, a porta do quarto abriu-se e a mãe entrou, tão chorosa quanto ela. Abraçou a filha e, por algum tempo, ficaram assim, caladas, presas numa tristeza partilhada.

– Ele vai voltar? – sussurrou Audrey.

Ella abanou a cabeça e mordeu os lábios.

– Não, meu amor. Ele foi-se embora.

– Mas para onde vai?

A mãe fez um gesto vago com a mão.

– Não sei. Talvez para Londres, para a sua antiga casa. – Tirou um lenço bordado e limpou as lágrimas, tocando ao de leve nos olhos.

– Que vai ser de nós? Sem o pai? – perguntou Audrey, tão baixinho, que quase não se ouvia.

Ella apertou-a uma vez mais contra si e a menina de seis anos sentiu o corpo da mãe a retesar-se, a tornar-se novamente na pessoa enérgica e determinada que não tolerava nenhum tipo de emoção.

audrey hepburn_4as.indd 11 10/12/2024 09:46

– Vamos arranjar-nos sozinhos, Audrey. Tu, eu e os teus irmãos.

Estendeu-lhe o lenço.

– E agora limpa as lágrimas. Não quero que a criada nos veja assim.

Obediente, Audrey limpou as faces, agarrou no macaquinho e escondeu o rosto dentro dele. Sentia-se anestesiada. A sensação de que, a partir de agora, faltaria na sua vida um grande pedaço de amor tornou-se mais intensa, e nunca mais a abandonou.

audrey hepburn_4as.indd 12 10/12/2024 09:46

Parte I:
Bombas e *Ballet*
1944-1945

Por um lado, talvez tenha mantido uma certa infantilidade, mas, por outro, amadureci rapidamente, dado que já na minha tenra infância sabia muito bem o que eram o sofrimento e o medo.

Audrey Hepburn

1

Maio de 1944

Dois aviões passaram a ribombar sobre Arnheim, fazendo tremer as vidraças com caixilhos de chumbo das janelas da sala de *ballet* do Conservatório. As meninas continuaram a dançar, como se nada tivesse acontecido. Estavam habituadas a que o som das máquinas de guerra se sobrepusesse à música do gramofone.

– *Un, deux, trois* – corrigia Madame Marova, descontraída –, *un, deux, trois, allongé*… – Com um fluido vestido comprido e sapatilhas de *ballet* já puídas, adquiridas ainda antes da guerra, percorreu a fila de meninas que faziam exercícios na barra. Por vezes, corrigia com brandura a posição do braço, e depois a inclinação da cabeça. – A mão para fora, Frida. Femke, os pés! Os pés!

Todas as meninas se esforçavam por deixar Madame Marova satisfeita. Era rigorosa, mas amável, e uma sumidade no Conservatório de Arnheim, ainda que as suas condições de trabalho se degradassem a cada mês que passava. A Holanda estava sob ocupação alemã há quatro anos. A população vivia com medo, todos conheciam pessoas que haviam sido executadas pelos alemães devido a uma qualquer alegada infração. Muitas alunas de *ballet* praticamente não se atreviam a sair de casa e já não vinham à aula. Além do mais, a comida escasseava e as meninas que ainda vinham estavam todas magras, algumas estavam mesmo emaciadas.

Madame Marova chegara ao fim da fila.

audrey hepburn_4as.indd 15 10/12/2024 09:46

– Muito bem, Edda – elogiou, pousando por momentos um olhar benevolente na rapariga de quinze anos que estava completamente absorta nos seus movimentos.

Audrey encolheu-se. Ainda não se conseguira habituar ao nome Edda, apesar de assim a chamarem desde o início da ocupação alemã, pelo menos na escola e no Conservatório. A mãe fizera questão, quando, no início da guerra, se haviam mudado para a Holanda para vir viver com os avós.

– Audrey é um nome do mais inglês que há – dissera Ella, olhando de alto a baixo para Audrey com os olhos semicerrados. – Lamentavelmente, o teu pai, na altura, fez questão de que tivesses um nome inglês. Mas não podemos correr o risco de te chamar assim nos tempos que correm. Os alemães odeiam tudo o que é inglês. Ainda te levam por seres meio inglesa.

Desde então, Audrey vivia cenas terríveis em pensamento, que a perseguiam no sono; por várias vezes, vira mães e crianças alemãs, até famílias judias inteiras, a serem arrancadas à força das suas casas e levadas para a estação de comboios, para serem transportadas para a Alemanha. Não se falava abertamente sobre isso, mas todos percebiam perfeitamente que aquelas famílias nunca mais regressariam. Por isso, sentira que era apenas correto trocar de nome por outro mais holandês e, desde então, em público, Audrey chamava-se Edda.

– Fizeste grandes progressos nos últimos meses – murmurou-lhe Madame Marova de forma quase inaudível, possivelmente para que as outras meninas não tivessem ciúmes. Naqueles tempos, o *ballet* era a única coisa que, durante uma hora, lhe permitia escapar ao seu sombrio quotidiano.

– Acho que poderás vir a ser uma verdadeira primeira-bailarina!

Audrey corou de alegria com o elogio e, seguindo as últimas indicações da professora, tal como as outras meninas, pousou graciosamente a perna em cima da barra. Comprimiu os lábios quando diante dos olhos lhe surgiram os *collants* brancos várias vezes remendados. Não era motivo de vergonha, também as outras raparigas tinham falta de tudo, muitas usavam tutus com pequenos buracos, algumas calçavam

audrey hepburn_4as.indd 16 10/12/2024 09:46

sapatilhas parcamente remendadas, mas, ainda assim, Audrey gostaria de que tudo fosse diferente.

– *Un, deux, trois, demi-plié…*

Audrey fechou os olhos e entregou-se aos sons do gramofone. Submergiu num mundo cintilante, viu-se a si mesma em cima do palco, como primeira-bailarina, com um tutu branco como a neve e folhos cheios de penas, pontas imaculadas e flores brancas no cabelo castanho, a dançar no papel de Odette do *Lago dos Cisnes*. Era o seu refúgio do dia a dia marcado pela guerra, o sonho que perseguia sempre que se queria distrair do estômago a roncar de fome ou do medo pelos dois irmãos mais velhos. Alex estava algures escondido na clandestinidade e Ian fora levado, diante das expressões de choque da família, para um campo de trabalhos forçados na Alemanha.

Audrey sentiu uma ligeira tontura quando se voltou a endireitar para assumir a posição seguinte, mas, sob as pálpebras fechadas, via-se ainda como a celebrada bailarina a desfrutar de um aplauso estrondoso.

– Que se passa contigo, Edda? – penetrou a voz preocupada de Madame Marova pelo seu ouvido adentro. – Não te sentes bem?

Audrey abriu os olhos e tentou afastar a tontura, piscando os olhos.

– Não, estou bem. – Tinha medo de que Madame Marova a mandasse sair da aula se reconhecesse que sentia as pernas a fraquejar.

– Terminámos por hoje! – A professora de *ballet* bateu palmas. – Não queremos que caias para o lado, Edda. Como a Vicky na semana passada. Esta maldita guerra leva-nos a todos ao limite. Têm comida suficiente em casa, Edda?

Audrey limitou-se a piscar os olhos na sua direção, ao que Madame Marova levou bruscamente a mão à testa.

– Que pergunta disparatada, desculpa-me, querida. Quem é que, nos tempos que correm, come o suficiente?

*

Aquele fim de tarde de maio estava agradavelmente ameno. O sol poente banhava Arnheim com uma luz branca, iluminava os trilhos

audrey hepburn_4as.indd 17 10/12/2024 09:46

cuidados do parque que Audrey atravessava no regresso a casa, com todos os seus canteiros de flores e fontanários. A cidade teria sido idílica se não fossem os soldados alemães que se viam por todo o lado, parados sem fazer nada e a observar tudo e todos.

Pouco tempo depois, Audrey alcançou a velha casa senhorial dos avós, onde ela e a mãe haviam encontrado abrigo. Fora em tempos um edifício imponente, mas agora havia muito que precisava de reparações – duas janelas tinham uma brecha e a última tempestade primaveril levantara várias telhas do telhado. Todavia, naquele tempo dominado pela guerra, pela fome e pelo permanente medo dos ocupantes, ninguém tinha vagar ou a possibilidade de se ocupar de tais tarefas.

O estômago de Audrey dava horas, uma sensação de vazio que já bem conhecia. Ao almoço houvera apenas uma sopa e oxalá ao jantar houvesse mais do que aquele pão horrível feito de farinha de ervilhas.

– Ah, aí estás tu, pequena – cumprimentou o avô, que estava a arrancar ervas daninhas junto à porta da rua. – Entra, já estamos à tua espera para comer.

– Pão de farinha de ervilha? – perguntou Audrey, de nariz franzido. O avô riu. – Não te ponhas assim. É comida requintada. Países inteiros ficariam cheios de inveja dos holandeses se soubessem do nosso precioso pão de farinha de ervilhas.

– Sem dúvida nenhuma – murmurou Audrey com ironia.

– Mas há um resto da compota caseira da tua avó para juntar – prometeu o avô, acompanhando-a para dentro de casa.

– Bom, ao menos isso.

Ella e a avó já estavam sentadas à mesa da cozinha.

– Como foi o *ballet*? – perguntou a mãe, enquanto distribuía o pão. Cabia a cada um apenas uma modesta fatia.

– Foi bom. Como sempre. – Por um momento, voltaram a surgir diante dos olhos de Audrey cenas de um grandioso espetáculo de *ballet*, em que ela era a primeira-bailarina, onde se entregava aos movimentos de forma encantadora e com toda a graciosidade. – A Vicky já não vem. A *madame* disse que está tão subnutrida que dançar seria demasiado perigoso para ela.

audrey hepburn_4as.indd 18 10/12/2024 09:46

Ella não respondeu, mas passou os olhos pela figura ossuda de Audrey. Esta precipitou-se a colocar o guardanapo à frente do peito para esconder o corpo, esforçando-se por mastigar, quase desafiadoramente, um pedaço de côdea de pão. Era inconcebível a ideia de a mãe a proibir de dançar. Sem o *ballet*, com que sonhava incessantemente, ela seria apenas meia pessoa. A fantasia do *ballet* ajudava-a a dormir à noite, mesmo quando tinha fome, e os sonhos com a dança distraíam-na durante o dia quando não conseguia evitar pensar nos irmãos, que sabia Deus por onde andavam.

O avô, que também reparara na expressão de Ella, saltou em defesa da neta.

– Bom, bom, não havemos de chegar ao ponto de a nossa Audrey deixar de poder dançar. Estamos quase no verão e o jardim da avó já nos vai dar alguma coisa que comer, não é?

Como que a reforçar tal afirmação, a avó empurrou o frasco de compota na direção dela.

– Come, minha querida.

– Só tenho medo do próximo inverno – murmurou o avô, olhando para longe, perdido em pensamentos. – O fim da guerra não está à vista. O inverno vai ser duro.

– Se ao menos voltássemos a ter notícias dos rapazes – suspirou Ella.

Audrey manteve a cabeça baixa, para não ter de ver a dor nos olhos da mãe. Partia-se-lhe sempre o coração quando se falava dos irmãos. Também ela se preocupava muito com os dois.

O avô apertou a mão de Ella.

– Não penses muito nisso, querida. O Alex não se deixa subjugar. É esperto. Não se vai deixar apanhar; afinal de contas, conhece cada canto da nossa região, muito melhor do que os alemães. E não estás orgulhosa dele por estar a apoiar a resistência na clandestinidade?

Ella recompôs-se e assumiu uma postura direita. Numa mescla de fascínio e preocupação, Audrey viu como a mãe se esforçava por irradiar descontração e tranquilidade. Os momentos de medo e desespero duravam sempre apenas pouco, e logo depois Ella estava novamente inacessível. Uma aristocrata que encarava tudo sempre com

audrey hepburn_4as.indd 19 10/12/2024 09:46

compostura. Fora assim educada na juventude, e era algo que também transmitira a Audrey.

– Tens razão, pai. É claro que estou orgulhosa do Alex. – Ella suspirou e limpou os lábios com a ponta de um guardanapo. – Pelo menos vai dando notícias de vez em quando. Mas o Ian… – A sua postura desmoronou-se novamente, Audrey viu-lhe lágrimas a cintilar nos olhos. Sobre Ian não haviam recebido uma só palavra desde que fora levado para a Alemanha. Provavelmente tê-lo-iam posto a trabalhar naquelas horríveis fábricas de munições…

Em jeito de consolo, a avó pousou a mão no braço de Ella.

– Rezo para que os dois regressem sãos e salvos.

– Se ao menos as tuas orações nos servissem da alguma coisa – murmurou Ella. Também Audrey rezava muitas vezes desde a eclosão da guerra, mas já havia muito que não acreditava na força dos pensamentos por si só. Quem quisesse mudar alguma coisa teria de agir pessoalmente.

– Além do mais – o avô enfiou dentro da boca o último pedaço da sua escassa refeição –, os resistentes estão a organizar um outro encontro. Informaram-me hoje. É evidente que deve decorrer tudo o mais discretamente possível, os alemães têm olhos e ouvidos em todo o lado. Ainda assim, alguém deverá informar os rapazes que vivem mais longe.

Audrey levantou-se de um salto.

– Eu faço isso outra vez, avô.

– Está fora de questão! – interveio Ella, puxando a filha energicamente para que se voltasse a sentar. – Deixei-te, uma vez, levar notícias aos resistentes e quase morri de medo! Tens quinze anos, Audrey, fica por favor fora dessa história!

– Mas, mãe! Essa é precisamente a grande vantagem, o facto de eu só ter quinze anos. Ninguém vai suspeitar se eu for até às quintas dos arredores e levar às escondidas notícias aos agricultores. Vai parecer que estou simplesmente a fazer um passeio ou a dar uma volta de bicicleta. – Em busca de apoio, Audrey olhou para o avô, que pigarreou.

– A miúda tem razão, Ella. Ninguém acha estranho ver uma rapariga bonita a passear de bicicleta até às quintas. Já assim não seria se eu, um

audrey hepburn_4as.indd 20 10/12/2024 09:47

homem velho e antigo presidente da Câmara de Arnheim, me dirigisse até lá. Os alemães pensariam imediatamente que estou a tramar alguma coisa.

– Deixa-me ir, mãe – suplicou Audrey. – Também quero fazer a minha parte para que esta guerra terrível acabe depressa.

Percebeu que a mãe se debatia consigo mesma. Por fim, o semblante fechado de Ella suavizou-se um pouco e ela suspirou.

– Muito bem, menina. Mas peço-te, por tudo o que é sagrado, que tenhas cuidado. Eu não suportaria se te acontecesse alguma coisa também a ti.

Obediente, Audrey assentiu com a cabeça. Ajudou a mãe e a avó a lavar a loiça e a varrer a cozinha, depois desejou boa noite a todos e foi deitar-se. O Sol ainda não se pusera, mas a verdade é que, nos últimos meses, se habituara a dormir cedo. Por um lado, tinha a esperança de superar, dormindo, a sensação de fome que não tardaria a regressar e, por outro, aproveitava os momentos até adormecer para sonhar com o *ballet*.

E com o pai. Apertava contra si o macaquinho, que nos últimos anos ficara ainda mais desgrenhado, e perguntava-se, todas as noites, onde estaria o pai. Estaria bem, na cidade de Londres agitada pela guerra? Porque é que nunca dava notícias? Será que por vezes ainda pensava nela? Pela janela, fitava o céu incandescente vermelho-alaranjado de fim de tarde e o coração encolhia-se de saudades. Desde aquele dia, em Bruxelas, quando nem sequer se virara para olhar para ela, um enorme rasgão dilacerava-lhe a alma, sentia-se mal-amada e inferior. Que outro motivo poderia haver para Joseph nunca ter voltado a tentar entrar em contacto ou vê-la? Nenhum pai podia simplesmente abandonar assim uma filha, ou podia?

*

O dia seguinte era um sábado. Audrey acordou cedo, a ideia da missão que teria a cumprir fez com que dormisse mal. Pôs um vestido de verão amarelo-claro às flores, que a avó lhe tinha costurado no ano anterior com restos de tecidos. Ondulava em torno do seu corpo.

audrey hepburn_4as.indd 21 10/12/2024 09:47